

O fato primitivo

Louis LAVELLE

De *Le Moi et Son Destin*, Paris, Aubier, 1936, pp. 15-17. Tradução de Olavo de Carvalho, para exclusivo uso em classe pelos alunos do Seminário de Filosofia. Proibida a divulgação por quaisquer meios.

Toda a nossa filosofia deve necessariamente depender, parece, da maneira pela qual apreendemos o “fato primitivo”, isto é, da maneira pela qual entramos em contato, ao mesmo tempo, conosco mesmos e com o universo no qual somos chamados a viver. Já para a experiência popular o “fato primitivo” é a descoberta da existência solidária do universo e do eu. Faz-se muito barulho hoje em dia, na Alemanha, em torno de uma filosofia que nos propõe como objeto essencial da nossa meditação a nossa própria presença no mundo; há nisso, sem dúvida, uma reação salutar contra uma certa forma de idealismo que pensava poder afirmar o eu sem o mundo e mostrar como o eu bastava para construí-lo. Mas há também um retorno a uma visão imediata do senso comum. Só que a reflexão filosófica tem precisamente por objeto buscar como se estabelece entre a nossa existência e a do Todo essa ligação tão estreita que nos permite inscrever-nos nele e participar do seu destino. Definir o “fato primitivo” é definir o ponto de inserção da nossa vida pessoal no interior do ser universal.

Daí que o fato primitivo não possa ser senão aquela iniciativa interior pela qual o ser consciente constitui ele mesmo, a cada instante, a sua própria realidade. O espetáculo cambiante do mundo não cessa de trazer diante de nós um fluxo ininterrupto de imagens; minha consciência mesma não me oferece senão uma sucessão movente de estados que se atraem e se expulsam uns aos outros indefinidamente; mas não posso me situar a mim mesmo em parte alguma desse duplo desfile. Pois não existo senão lá onde minha atividade se desperta, lá onde me torno presente por uma atenção e uma adesão viventes a todos os objetos e a todos os estados que podem me ser dados. Se essa atividade diminui ou morre, então o espetáculo do mundo se aniquila e toda a minha vida interior naufraga no inconsciente. Mas essa atividade não cessa de se exercer e de se renovar; e é por ela que cada instante que nasce é, a meus olhos, o primeiro começo de mim mesmo e do mundo.

Pois, para que um fato desfrute do privilégio de ser o primeiro em relação a todos os outros, e para que ele possa se reencontrar no seio de cada um deles, é preciso que ele exprima, de algum modo, a raiz e a essência do nosso ser mesmo. Mas é preciso, sobretudo, que ele possa justificar sua prioridade ante todos os outros, isto é, que não somente ele se mostre capaz de engendrar-los, mas que ele, ainda, não possa ser engendrado por sua vez, e, por consequência, que ele se engendre a si mesmo. Nesse momento evidencia-se claramente que o fato primitivo não pode ser senão um ato que se cria no curso da sua realização mesma; tal é o ato do pensamento segundo Descartes e o ato do querer segundo Maine de Biran.